Encerrando a obra há uma bibliografia e um índice de nomes, a bibliografia, dividida de acordo com o esquema do trabalho, é uma notável e atualizada coletânea bibliográfica sobre a História das Américas de conhecimento indispensável para os estudiosos do assunto.

É um trabalho de visão geral bastante resumido, pois o assunto é amplo demais para ser sintetizado numa só obra, mas graças à grande capacidade metodológica do autor, os princípios básicos da história de cada país são expostos com clareza, ficando o leitor com uma boa visão da história da América Latina em seu conjunto e da história de cada país em particular. A obra foi feita visando a exposição do surgimento das idéias democráticas em toda a América Latina, e dos problemas que esses ideais tiveram que enfrentar. Para o autor a História da América Latina caminha para a afirmação do ideal democrático, sendo que a quase totalidade dos países já o estão atingindo. O autor dividiu a história de cada país em duas partes, na primeira parte aparece o país antes do surgimento dos ideais democráticos com as respectivas formas político-econômicas, e a segunda parte é dedicada ao estudo da luta para o estabelecimento da democracia nos países.

É uma obra interessante que mostra a visão norte-americana do desenvolvimento histórico da América Latina. É obra para consulta, indicada aos estudantes para o conhecimento dos acontecimentos que marcaram a história dos países latino-americanos.

VIVALDO W. F. DAGLIONE

*

* *

CALMON (Pedro). — **História da Casa da Torre**, 2a. edição aumentada, com 18 ilustrações e mapas. Coleção Documentos Brasileiros. Vol. 22. Livraria José Olímpio Editôra. Rio de Janeiro, 1958.

Ao escrever sobre o povoamento do sertão, Capistrano de Abreu registra, ainda que de passagem, as enormes glebas senhoreadas por Garcia d'Ávila, castelão da Casa da Torre, que "para adquirir estas propriedades imensas, gastou apenas papel e tinta em requimentos de sesmarias" (J. Capistrano de Abreu, in **Capítulos da História Colonial**). Dos vários grandes potentados daqueles sertões, Garcia d'Ávila sempre se avultou aos olhos do historiador de **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**, como um motivo atraente de mais demorados estudos.

São conhecidas as sábias admoestações que Capistrano sempre endereçava aos seus amigos estudiosos em torno do aproveitamento documental e dos assuntos de maior interesse, que deviam preocupar os historiadores brasileiros, em detrimento da exclusividade com que se entregavam a análise dos fastos militares e da história administrativa. Assim foi com Paulo Prado, a quem os **Capítulos da História Colonial** haviam seduzido, com Afonso de Taunay, antigo discípulo do mestre, que confessou ter, a seu conselho, desviado seus estudos

para o bandeirismo, legando, por isso, às letras históricas brasileiras um monumento inigualável, com Rodolfo Garcia, que continuou a obra de anotações a Varnhagen e ainda outros, que pelas mãos do grande historiador se destinaram à “devassa” do período colonial, no qual Capistrano era mestre inconcusso. Esses conselhos, prodigalizou-ôs o grande sabedor, e foi seguindo justamente ao reiterado interesse de Capistrano em agitar a idéia de escrever-se a história da Casa da Torre, que o sr. Pedro Calmon, meio século mais tarde, se atirou a essa empresa.

Após novas pesquisas nos arquivos baianos e portugueses, que acresceram o texto e alteraram algumas passagens, sai agora, em segunda edição ilustrada, a **História da Casa da Torre**. Acreditamos, com o autor, de singular importância, o estudo da comunidade familiar antiga brasileira, principalmente daquelas, que o tronco ancestral comum era composto das primeiras levas de colonos ou fidalgos, para cá aliciados.

Não obstante incipiente, pelas apoucadas contribuições que temos notícia, esse estudo poderá oferecer perspectivas novas para a interpretação histórica da sociedade, como para a compreensão das acomodações alienígenas em face do meio pré-histórico aqui encontrado, sob o ponto de vista antropogeográfico e sociológico. O prof. Gilberto Freyre abriu horizontes largos a esse estudo, entretanto, as monografias que se seguiram aos seus trabalhos são ainda poucas e quase sempre voltadas mais para o interesse genealógico, com evidente prejuízo da compreensão dos fatores que condicionam, invariavelmente, a evolução de uma família no tempo e no espaço. Esta obra do sr. Pedro Calmon, que já possui uma **História Social do Brasil**, em três volumes, “corresponde”, nesse sentido, pelo luxo de pormenores e reconstituições, tão seqüentes e complexas, que nos dificultam até, distinguirmos em alguns capítulos, os limites das habituais digressões do historiador, que nos convidam a uma fluência romanesca, como aquela do **Giant** de Edna Ferber.

Mas, para lembrarmos do interesse, que entre nós vem ganhando essa espécie de estudo histórico, ainda há pouco, o dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, ilustre médico radicado em Campinas, dava a lume exaustivo trabalho sobre um antigo clã, pesquisando uma longa trajetória de vidas consangüíneas em seu trabalho **Uma Comunidade Rural do Brasil Antigo**, de cuja leitura tiramos inúmeras anotações e proveitos.

Estas obras têm ajudado a que se aproximem os nossos estudiosos de uma “realidade social” brasileira, que sem ser apenas “doméstica”, foi ganhando sempre profundas repercussões **extramurais**, pelo **aspecto comunal**, que a propriedade oferecia no regime latifundiário, à medida que a civilização se encorpava e sofria novos contactos culturais. Lamentamos apenas, e isso também o consignamos em comentário feito ao livro **Casa Grande e Senzala**, em uma de suas primeiras edições, a **ausência** de estudos sobre a **sociedade planáltica** do sul, limitados, infelizmente, a poucos trabalhos, como os de Alfredo Ellis Júnior, Affonso de E. Taunay, Ernâni Silva Bruno, Al-

meida Prado, Tito Lívio Ferreira, para lembrarmos apenas os que fizeram obra mais específica.

Assim, a casa grande do sul ainda não foi vasculhada, como deveria ter sido, na sua **intimidade**, bem como os grandes clãs não foram acompanhados na sua evolução social. Um estudo, nesse sentido, muito mais importante será do que, aparentemente, se possa imaginar. A revisão epistolográfica, as relações familiares, a educação, o trato dos senhores com os empregados, os empreendimentos comerciais, as relações íntimas e sentimentais e mesmo sexuais, poderão dar-nos os estudos, para os grandes painéis sociais, que carecemos, para a noção exata da **civilização brasileira**. Esta, será, sem dúvida, a “história” que aguardamos no tocante aos fatos sulinos. Será uma contramarcha do particular para o geral, do lar para a sociedade.

O sr. Pedro Calmon escreve bem, no sentido enfático de sua sinonímia, e de uma adjetivação, que peca pelo excesso na pena de um historiador. As suas descrições são de um vivo colorido, o autor abusa da grandiloquência. Assim, neste livro, o que ele tem de **histórico** (e é muito indiscutivelmente) perde para o rendilhado da linguagem usada pelo autor. A sua leitura agrada, mas engana, pois o estudioso, que a ele recorrer, ficará em dificuldade diante do emaranhamento de tiradas e descrições, que dando uma imagem literária atraente, darão, não obstante, um recorte científico prejudicado, sem que com isso queiramos divorciar a ciência da literatura, no sentido em que esta pode ser a melhor expressão de transmissão daquela.

Poder-se-á objetar que êsse é o estilo do autor de **História da Literatura Baiana**. De fato, nós que conhecemos a sua obra, convimos ser esta a sua **maneira de ser** historiador. Sem pretendemos resvalar para o outro extremo da severidade de um estilo enxuto, lembraríamos, por outra feita, a linguagem de um Sérgio Buarque de Holanda, evidentemente mais modesta nas proporções literárias, mas bem mais consentânea com a clareza e precisão científicas.

Muitas de suas páginas incidem no perigo de tornarem-se crônicas amenas, pois há passagens, como nos ataques aos flamengos, que o autor deve ter completado com a imaginação na movimentação dos personagens, na descrição das paisagens, nos trajos e atitudes, só faltando o dialogar. E' tal o luxo dessas descrições, que não podemos deixar de acreditar que o historiador conheça **de visu** todos aqueles locais, palmo a palmo.

Como poucos foram os estudiosos da Casa da Torre, em proporções, sendo os próprios documentos da época parcos em informações, enquanto historiadores como Frei Vicente do Salvador se referem apenas de passagem, e o próprio Varnhagem na sua **História Geral** não se demora em estudar a influência do clã de Garcia d'Ávila, o sr. Pedro Calmon recorreu, amiúde, aos “mss” e documentos, numa pesquisa assaz louvável.

A **política de conquista**, que em várias fases norteara a Casa da Torre, numa aspiração latifundiária indisfarçável, adeja em toda a longa existência dos seus senhores. E de longa existência, é aliás, o

primeiro e estranho patriarca, que chegou a mais de 90 anos, herdeiro dos primeiros que chantaram seus trastes em aquêles locais.

A Casa da Tôrre foi o grande símbolo **permitido** por el-rei. Aque-la comunidade tinha a finalidade precípua de defender as terras da corôa, sem descurar da dilatação dos seus próprios domínios, em um nunca acabar de penetrações e **pioneirismos**.

Havia um **quê** de feudal, de monárquico, na projeção da estirpe do velho patriarca, cuja sombra continuou velando pelas terras e gentes dos seus domínios: era o mar das aspas dos rebanhos, era a praça de guerra nos ataques, era o vulto da Casa da Tôrre...

A nosso ver, os estudos da participação da Casa na primeira, como na segunda invasão holandesa, dá novas perspectivas às pesquisas sôbre o efêmero domínio dos batavos na Bahia.

A dinastia dos Ávila cumpriu o seu destino histórico. A Casa e o poder se alçaram em maior porte que os vultos que ali se agitavam.

A vida da Bahia, e com ela a do Brasil, estende-se pelas vicissitudes do período colonial, enquanto a Casa de Garcia d'Ávila continua impertérrita, com os seus paredões a servirem de abrigo e a acenarem com a fidalguia dos seus hospedeiros, tanto na paz, como na guerra, em que sempre permaneciam de atalaia avançada.

Só nas ocasiões em que os brigues forasteiros assediavam a baía, a vigília da Tôrre de Garcia d'Ávila repartia-se com a defesa das costas, mas desde que expulsos os últimos intrusos, a **vocação** do pioneiro estuava novamente e os seus olhos e seus passos voltavam-se para o sertão. Tinha um **quê** de ingênito êsse comportamento.

Eram homens de rija têmpera aquêles, talhados pelos acometimentos do gentio e pela agrestia da terra ainda não arroteada, sempre desejando esgarçar novos horizontes, morrendo e nascendo, diàriamente, no calor das aventuras.

Os sucessos de Nassau, que não foram tantos na Bahia, apesar da espionagem dos traficantes judeus, que negociavam informações com os holandeses, as escaramuças e incidentes próprios de uma "petit histoire", são aí relatados, com as nuances desejadas.

Há um sonho nas caminhadas sertanistas. A imensidão da terra tirou-lhes a noção das medidas. Tôda a odisséia da ocupação do São Francisco e de boa parte do sertão do Nordeste é retratada nestas páginas, nas quais não faltam, embora em menor escala, a repetição dos feitos monçoeiros do Anhembi, nas águas barracentas do velho rio das gaiolas.

Aliás, do domínio de Garcia d'Ávila e dos seus descendentes, como bem ressalta o prof. Calmon, foi o dos **sertões** e das **águas**. Mais que nos sonhos medievos do feudalismo, os senhores da Tôrre tinham amplas oportunidades, disputando os morgadios às outras Casas, também de grandes limites, e a terra virgem ao gentio assustadigo.

A importância da história da linhagem dos Ávila se acresce ainda, por tratar-se de uma cêpa das primeiras, responsável pelos cruzamentos iniciais, bem como pelo fato de estar integrada no lançamento dos fundamentos de nossa civilização, em suas instituições e na sua delineação jurídica.

O perigo que reside nestas crônicas familiares é o de cair-se no fastio da narração dos intermináveis incidentes domésticos, sem grande repercussão e quase nenhuma interpretação, dando em consequência uma história de **copa e cozinha**. Isto não se verifica com este livro, pois a família retratada, têm as proporções estabelecidas tanto na sua intimidade, quanto na sua extraordinária vida pública.

Assim, o patriarca onipotente, as matronas dos caricatos matriarcais das casas-grandes, os procuradores, aquêles **monarcas das regiões vazias**, no dizer do autor dos fidalgos e peões e de tôda a **famílhagem** se agitam nesta história.

Dotes e trocas de títulos, raptos e chacinas, politicalha e espionagem, não faltam nesta narrativa sôbre o velho solar. Autênticos potentados povoaram os sertões, criando vilas e freguesias, arraiais e capelas, pousos e missões, apesar das desinteligências com a Igreja e com o Estado, ainda que prestigiada e **quase temida** por ambos. A Casa da Torre protraiu a sua existência por dilatado espaço de tempo, só não conseguindo manter os seus domínios e prestígio no **espaço** e no **tempo**, menos talvez pela vizinhança incômoda da penetração de novos e poderosos clãs, do que prôpriamente pela rareza de líderes masculinos, que se responsabilizassem por aquela desejada continuidade.

Depois dessa longa, trabalhosa e invejável existência de uma **continuidade familiar** e de um **poder**, é com uma quase melancolia, que vamos notando o seu desmembramento, ao qual não houve a ausência até de uma ponta de tragédia.

O historiador não descurou do cuidado do linhagista em estabelecer os laços da ilustre progênie.

Até a chamada Guerra da Independência, na Bahia, se fêz sentir a influência da Casa da Torre. Essa Casa extraordinária, que chegou com os primeiros, conquistou a terra ao gentio, defendeu-a bravamente dos inimigos de el-rei, na Independência e acabou servindo o Império, foi trissecular. Continuou, na mais alta expressão, o legado que o povo português nos fêz com a instituição social da **família**, por êle transmitida tradicionalmente.

Por todos êsses títulos de interêsse, êste estudo do prof. Pedro Calmon, é com certeza, uma das suas melhores contribuições à historiografia pátria.

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA

*

*

*

CORTESÃO (Jaime). — **Antecedentes do Tratado de Madrí. Jesuítas e Bandeirante no Paraguai, 1703-1751.** Volume VI dos Manuscritos da Coleção de Angelis, introdução, notas e sumário por Jaime Cortesão. Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional, 1955. 328 páginas, página 3 Introdução, Sumário contendo a lista dos 51 documentos e rápida exposição